



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

MARLENE CÉSAR RICHTER

(depoimento)

2003

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-38

Entrevistado: Marlene César Richter

Nascimento: Não informado

Local da entrevista: Nova Petrópolis/RS

Entrevistadores: Karine Dalsin e Luanda Dutra

Data da entrevista: 22/06/2003

Transcrição: Vicente Cabrera Calheiros

Conferência Fidelidade: Vicente Cabrera Calheiros

Copidesque: Camile Romero

Pesquisa: Ana Maurmann

Fitas: (01 fita) 38/01-A

Total de gravação: 20 minutos

Páginas Digitadas: 7

Catálogo: Vera Maria Sperangio Rangel

Número de registro: 01961/2008/01

Número de registro da fita: 01961/2008/01

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

RICHTER, Marlene César. *Marlene Richter (depoimento, 2003)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2008.

Sumário

Início da vida esportiva; clubes em que praticou; formação acadêmica; família e prática do esporte; participação no esporte universitário ESEF/UFRGS; profissionalização do esporte e modernização; paixão pelo esporte; preconceitos da sociedade e mulheres que praticavam esporte; fatos marcantes; uniformes na Escola de Educação Física e nas escolas em que lecionava; tipos de escolas separadas por sexo; educação física escolar feminina nos anos de 1950; mulheres e oportunidades de práticas na escola.

Nova Petrópolis, 22 de junho de 2003. Entrevista com Marlene César Richter, a cargo das entrevistadoras Karine Dalsin e Luanda Dutra para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

K.D. – Marlene, eu gostaria de começar a entrevista te perguntando como tu começaste a praticar esporte?

M.R. – Na verdade eu comecei a praticar esporte com 10 anos de idade, quando eu estudava no Colégio Sèvigne¹ em Porto Alegre². E a minha aula ficava muito no andar de baixo e eles praticavam vôlei lá em cima, então eu esperava que a campainha soasse assim para botar a bola embaixo do braço e subir aquelas escadas voando porque só jogava quem chegasse primeiro. Se não, não tinha lugar para todo mundo, então eu fui começando ali a praticar com as maiores e o meu gosto se desenvolveu a partir daquele Colégio Sèvigne. Eu tive uma professora de educação física ótima, muito boa que depois foi minha professora na Escola de Educação Física, que me incentivou muito também.

K.D. - E seguindo a tua carreira, em que clubes tu jogaste?

M.R. – Olha, eu joguei sempre no União³ e no Universitário⁴, só mais tarde, bem mais tarde, depois de veterana, que eu comecei a jogar na Sogipa⁵.

K.D. – Tu fizeste educação física aonde?

M.R. – Eu fiz a faculdade de Educação Física lá na UFRGS⁶. Na Escola de Educação Física, no tempo que funcionava na ACM⁷, não tinha sede ainda, então as nossas aulas teóricas e algumas práticas, eram na ACM, em Porto Alegre, ali. Mas as práticas, piscina, pista de atletismo, tudo era lá na Sogipa, que a sede ainda não havia sido transferida para

¹ Colégio Sévigné fundado em 1º de setembro de 1900

² Capital do Estado do Rio Grande do Sul

³ Grêmio Náutico União - Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

⁴ Nome sujeito a confirmação.

⁵ Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942.

⁶ Universidade Federal do Rio Grande do Sul

⁷ Associação Cristã de Moços, fundada em Porto Alegre, no dia 26 de novembro de 1901.

lá. A sede social era na Alberto Bins⁸ ainda. Estão eu tinha que sair, eu morava no Partenon⁹, tinha que levantar, pegar o bonde das cinco e meia saindo da minha casa seis e meia, eu chegava no centro, no fim da linha do bonde, pegava outro bonde para a Sogipa, que eu tinha que estar as seis e meia lá. E a gente tinha que cair naquela piscina com água fria, não interessa se fosse inverno, se fosse verão, se estivesse menstruada, se não estivesse menstruada, era dureza mesmo.

K.D. – Quem te incentivou, a tua família te incentivou a praticar esporte?

M.R. – Não, apesar de a minha família ser uma família muito boa no sentido de convivência, a minha família não me incentivou a fazer esporte. Eu não sei da onde é que eu tenho este gosto pelo esporte. Meus pais não faziam esporte, que eu saiba meus avós também não. Tive um irmão somente e ele também não praticava esporte. Inclusive quando eu fui fazer vestibular de educação física eu tive que fazer escondido, tive que fazer a segunda chamada, porque minha mãe achava que não era bonito, não era elegante uma moça fazer educação física. Ela achava que uma moça era para ter outra profissão, mais feminina. Realmente eu não tive incentivo da minha família. Mas, depois que eu me formei, eles entenderam, me deram apoio e tudo, mas para entrar não.

K.D. – E para jogar vôlei?

M.R. – Para jogar vôlei era muito interessante porque nós tínhamos... Eu comecei a trabalhar desde os dezessete anos. Então eu trabalhava e estudava. Primeiro eu trabalhava porque eu ainda não tinha entrado para a Escola e aí trabalhava até as seis horas da tarde e ia para o treino, depois eu já ia para o treino no União. E, naquele tempo, não tinha “Kombi” que levava. Eles nos davam um doce de rum [risos] de merenda [riso]. Era isso que nós ganhávamos, o doce de rum. Não tinha patrocínio, o uniforme eles emprestavam, mas não tinha condução para nos levar em casa. Depois eu joguei pelo universitário, quando estava fazendo a Escola de Educação Física a gente já arrumou um pouquinho mais de patrocínio, mas sem nunca ter vantagem assim, pessoal remunerada. Era interessante porque no meu trabalho, às vezes, tinha alguma coisa muito importante, porque a gente ia

⁸ Rua do centro de Porto Alegre.

⁹ Bairro de Porto Alegre.

viajar e eu faltava o trabalho, mas eu comecei a faltar e eles mandavam o médico em casa para então ver. Ou não sei se era para ver o paciente, para tratar do paciente ou para ver se era verdade mesmo. E o médico foi na minha casa e eu estava jogando no União, não estava doente. E eu tinha dito que não iria trabalhar porque estava doente e ele era sócio do União também, ele sabia que eu jogava lá. Mas ele me ajudou neste sentido, sabe?! Não, não registrou nada ali [riso] eu tive uma ajuda boa no meu trabalho.

K.D. – E os jogos universitários que tu participaste?

M.R. – Não sei se eu participei, mas lembro que junto com esse pessoal que esta aqui, inclusive participando deste campeonato, eu sou contemporânea deste pessoal de Porto Alegre. Me formei com a Diva¹⁰, com a Karin¹¹, com a Rose¹², tem outras que não estão aqui. Nós fomos para Bagé¹³, mas tudo ali no Rio Grande do Sul, nós fomos para Bagé, para Santana do Livramento¹⁴, para o Paraná¹⁵, fomos para diversos estados que agora eu não me lembro bem. E tivemos vários técnicos, me lembro que em Bagé foi o maior frio que nós passamos na vida, porque foi nos dado um quarto que o quartel arrumou, mas era vazio num salão vazio, então eles puseram aqueles colchões de crina. Aqueles colchões gelados e fininhos e nos deram uma manta, uma manta para cada um, e me lembro que, para nós nos aquecermos, não dava, nós dormíamos de abrigo, uma se encostava bem na outra, porque a gente foi passando o calor de uma para a outra para poder dormir. Até hoje acho que falo em frio, me lembro daquele frio de Bagé, foi muito frio aquela vez.

K.D. – Como é que tu vê o voleibol, a história dele, o início do voleibol feminino no Rio Grande do Sul?

M.R. – No Rio Grande do Sul? Bem eu acho que tudo tem sua época. Tanto no Rio Grande do Sul como nas outras... Os atletas amadores, naquele tempo, eles jogavam com gosto mesmo. Jogava quem gostava mesmo, a parte técnica, a parte tática, não eram tão aprimoradas. O vôlei depois se modernizou e vejo uma evolução muito grande daquele

¹⁰ Diva Santiago Corrêa

¹¹ Karin Ingrid Suffert de Cordal

¹² Nome sujeito a confirmação

¹³ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

¹⁴ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

tempo para agora, mas, a partir do momento que os atletas começaram a ser pagos, vamos dizer, porque eles jogam mesmo, não podem trabalhar em outra coisa, não tem tempo, tem que ser remunerados, sou a favor sim. Mas aí acho que mudou um pouco sabe, porque qualquer esporte que é praticado com amadorismo é uma coisa, a partir de que se começa a ganhar o atleta é mais cobrado. Como ele tem mais facilidades, ele ganha muitas coisas, ganha viagens, ganha salário, ganha uniformes, ganha a mídia, é contratado para fazer propaganda de certos produtos. Então eu acho que é bem diferente. E a evolução, nem tem que discutir como em tudo, tem que ser. Tudo evoluiu e o vôlei não poderia ficar para trás, evoluiu também.

K.D. – Tu consideras que naquela época era amador?

M.R. – Era amador. Tudo amador, tudo por gosto, mas era um gosto de verdade, gostoso. Quem estava ali no meio, quem ama o esporte. Tanto é que tu vês passado tanto tempo as mesmas estão aqui, jogando o Damas de Esmeralda, Damas de Diamante com sessenta anos e tem o sessenta e cinco também e vai começar o de setenta também, sessenta, sessenta e cinco [riso], setenta anos [risos].

K.D. – Foi seleção gaúcha?

M.R. – Não, não fui não. Quem foi... Têm outras muitas que foram de seleção, eu não cheguei a pegar seleção.

K.D. – Jogaste nos clubes?

M.R. – Joguei nos clubes e no universitário sim.

K.D. – Tem alguma história que tu nos contes que marcou tua carreira no voleibol?

M.R. – Bom, que marcou minha carreira. É uma, seria esta que eu já contei, do médico que me protegia lá. O que eu posso contar é que eu tinha um namorado muito ciumento, que, aliás, o romance terminou acho que por causa disso. Porque eu preferi o vôlei [risos] que

¹⁵ Estado Brasileiro

eu jogava e ele ficava me... Por trás da cortina. Eu olhava, tinha aquele olho me espiando, então foi meio difícil pela aquela época, mas eu não deixei de jogar vôlei por causa dele não, fiz minha escolha [riso] e depois eu arrumei um marido *muito bom* [riso].

K.D. – Tu acreditas que tinha alguma dificuldade da mulher praticar esporte naquela época, era mal vista ou não?

M.R. – Como eu dei o exemplo da minha casa, naquele tempo a moça que fazia esporte, não é que fosse mal vista, no sentido da palavra, mas, naquele tempo, era para a moça ser dona de casa, cuidar dos filhos e era uma coisa muito masculina praticar esporte. Então não era uma coisa como é hoje, por exemplo, os pais querem que a filha faça esporte porque sabe que é bom para a saúde, porque é uma coisa boa, porque sabe que vai para o resto da vida. Não, é que a mentalidade dos nossos pais foi outra criação, eles achavam que era bom nos dirigir para outro lado. Mas havia sim, havia um certo preconceito. Como até hoje, aliás, mulher, dizem que é igual e tudo, como até hoje existe. No sentido de emprego de tudo. Aliás, acho muito boa esta diferença que existe, acho boa. Viva a diferença entre homens e mulheres. Eu acho que, certas coisas como profissão assim, não interfere nada o sexo.

K.D. – Como eram os uniformes que vocês jogavam?

M.R. – Eu dei aula numa escola de freiras e eu usava uma calça meio justa, mais ou menos como usa hoje, mas que era considerada avançada. A costureira que fazia, não era nada comprado, a costureira fazia aquilo justinho e a diretora me chamou e pediu que eu usasse aqueles bombachões. Era uma bombacha mesmo, com elástico na cintura e *bem* larga para não chamar a atenção dos alunos. Ai que sofrimento dar aula com aquilo, me achava ridícula, parecia uma pandorga, pipa. Mas, quando eu estudava no Sevigné, também tinha que fazer Escola de Educação Física, não escola, não que eu tinha que fazer no ginásio, colegial, tudo. Era uma calça azul marinho até metade da canela, a gente tinha que fazer educação física com aquilo. E na Escola de Educação Física, não. Usava um calção bem curtinho, mas, para natação, era maiô. E os uniformes eram assim, a perna ficava mais de fora, blusa assim mais curtinha nem pensar, era tudo sempre camiseta, sempre camisetas tipo esta aqui que eu estou aqui agora, bem larga.

K.D. – A tua educação física escolar era separada a turma meninos e meninas?

M.R. – Não, eu estudei e quando eu estava no ginásio tu diz?

K.D. – Na escola? No Sevigné.

M.R. – Na Escola de Educação, no Sevigné. Não, era só... Era uma escola só de moças, só feminina e nós tínhamos escolas, o Sevigné era só feminino, depois tinha ali na rua Duque de Castilhos¹⁶, depois tinha o Colégio Rosário¹⁷ e outro colégio era o Anchieta¹⁸ que era só masculino. Então era assim, a gente saía, mais ou menos, na mesma hora e, quando chegava na hora de sair, todo mundo se penteava, era o máximo. E estavam todos os meninos nos esperando, ou para olhar, ou tinha namoradinha, era muito legal. Eu ficava esperando a saída do colégio [riso].

K.D. – E o que é que vocês faziam na aula de educação física de vocês no colégio?

M.R. – A gente jogava, era um aquecimento que dava naquele tempo ela não dava alongamento não era aquecimento eram três sessões, o aquecimento a parte propriamente dita da sessão e a volta calma. Então no aquecimento se fazia exercício braço, perna, tronco. E, depois da parte principal, ou se fazia tipo de esportiva generalizada e aí se usa mais isso ou ginástica duas a duas ou... E, na volta a calma, é deitada ou ela fazia uma brincadeira ou uma coisa assim, ou na parte principal era jogos, ou era caçador naquele tempo, se jogava muito caçador e o vôlei também, handebol não existia naquele tempo. O handebol veio muito depois, acho que no tempo que eu estava dando aula na Tristeza¹⁹, em Porto Alegre, naquele Colégio Padre Réus²⁰. Caçador por ali, não me lembro que ano foi isso, sessenta, setenta por ali, acho que é o caçador, digo, o handebol apareceu, tanto é que nós que, nos formamos antes de 1959, não tivemos esta... Essa, o próprio currículo da Escola de Educação Física mudou muito depois. Algumas se adaptaram. Eu sempre fiquei, preferi o vôlei, eu não gosto de esporte muito assim, tanto de contato como é o handebol e

¹⁶ Rua do centro de Porto Alegre.

¹⁷ Colegio Marista Rosario, fundado em 1904 pelos irmãos Louis-Bernard e Ambroise-Michel.

¹⁸ Colégio Anchieta, fundado em 13/01/1890.

¹⁹ Bairro da zona sul de Porto Alegre.

²⁰ Fundado em 30 de maio de 1956, com sede na Escola Três de Outubro.

o... Acho que devem aprender tudo. Minha neta adora jogar handebol, deixou de jogar vôlei para jogar handebol. Mas eu prefiro vôlei.

K.D. – Uma curiosidade, grande parte das mulheres da tua época que começaram a praticar esporte entre 1950, optaram pelo vôlei, tu vês algum motivo para isso?

M.R. – É, eu vejo, porque, como eu acabei de dizer, as oportunidades oferecidas para nós na parte feminina era o vôlei, tinha assim... Depois veio o basquete, mas a maioria que queria praticar o esporte ou foi para o vôlei ou foi para o atletismo. Depois ficou o basquete, como nós temos uma que foi grande jogadora de basquete a Diva que está aí, e a natação temos também. A natação também eram poucas, a Karin fez natação, mas a maioria fez vôlei porque era o que se oferecia e era o mais adequado para as moças que gostavam de praticar, era o mais feminino naquele tempo. Tanto é que vocês vêem que o masculino, mesmo o voleibol masculino, ele cresceu muito depois, porque os meninos preferiam basquete, futebol e tudo. O vôlei começou a deslanchar mesmo naquela época com a primeira seleção de Bernardo²¹, René²², aí que começou, se vê que também era bom, era adequado para homens também.

K.D. – Marlene, eu te agradeço muito a colaboração para o Projeto Garimpando Memórias e gostaríamos de poder contar contigo, em outros momentos.

M.R. – Muito obrigada. Eu que agradeço. Eu tive uma oportunidade agora de relembrar muita coisa que até estava meio esquecido, porque esta entrevista não foi assim, nada preparado e quero incentivar a todos que pratiquem qualquer esporte. Não precisa ser voleibol, qualquer esporte faz muito bem para a saúde e bom trabalho para vocês, felicidades.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

²¹ Bernardo Rocha de Resende, hoje técnico da seleção masculina de vôlei.

²² Nome sujeito a confirmação.